

No fio de arame da CPI

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Com a sabedoria dos cabelos brancos e a experiência da vida vivida, o Senado deve extrair o máximo da sessão desta tarde, prolongando-a nas prorrogações dos debates, para extrair até a última gota do sumo da última laranja do saco vazio.

Cobertura maciça da mídia, holofotes de televisão, o olho mágico das câmeras, o magnetismo das máquinas fotográficas, as dezenas de repórteres embolados no fundo da sala, presença bisbilhoteira dos senadores e deputados, público nos corredores, estudantes arriando as calças com água pelas canelas no lago, tumulto – são peças que se encaixam no quadro de uma fase que se despede para a retomada do ramerrão das sessões de rotina.

Com as renúncias dos senadores José Roberto Arruda e Antonio Carlos Magalhães fecha-se um ciclo de excepcional agitação no clube de elite mais cobiçado de Brasília. A monotonia sonolenta dos discursos que morrem no plenário decorado com jeito de boate do Caribe e a amena convivência de senhoras e senhores com idade para a compostura talvez sejam saudadas pela maioria com o estado de espírito de quem começa a temporada de férias depois de exaustivo período de trabalho.

Mas este ano das CPIs dos Bancos, do Judiciário, do Futebol, das investigações que desvendaram a rede de cumplicidade poderosa do narcotráfico, das denúncias de enriquecimento ilícito do ilustre senador Jader Barbalho – com a troca áspera de acusações com ACM, as tensas articulações que garantiram a esmagadora indicação do atual presidente pela bancada do PMDB e a sua consagradora eleição com os votos da maioria absoluta de 41 dos 81 senadores – e, finalmente, da novela de emocionantes capítulos da violação do painel eletrônico, vai deixar muitas saudades.

Não há nada que se possa fazer para prolongar o ruído que prende a atenção da imprensa e repercute, como eco amortecido, nas reações da sociedade saturada de decepções e descrente do Congresso que a enganou com falsas esperanças.

Claro, nem tudo está perdido. Mas da sessão de renúncia e despedida de ACM pode-se esperar pronunciamento enérgico, com setas venenosas disparadas em todas as direções e a estridência do debate com alguns dos atingidos. O repique de respostas pela imprensa e contra-ataques da tribuna, com o inimigo recolhido à base baiana, para arrumar a casa e preparar o futuro.

Os temas polêmicos, ao menos os mais emocionantes, esgotaram-se com o desfecho ou perderam a graça com a traumática expulsão de dois senadores. A lista é um segredo vazado, foguetão que deu chabu com o pinga-pinga das poucas surpresas, que foram murchando como violetas expostas ao sol das inconfidências. Delas não se pode esperar mais do que esperneios e desmentidos que não se agüentam em pé. A ameaça de processo contra o líder do PT, senador José Eduardo Dutra, é uma tolice sem conseqüências. E a indignação da senadora Heloísa Helena aquietou-se em conveniente drible tático.

Desse mato, não sai mais nenhum coelho. Nem uma pobre lebre assustada com o alarido dos programados confrontos das manifestações baianas.

Sobra na agenda, murcha e manchada com a retirada das assinaturas dos 20 deputados que negociaram o cancelamento no balcão da liberação de verbas para as emendas parlamentares, a tentativa de ressuscitar a CPI da Corrupção com o novo requerimento de CPI do Senado. A oposição recolheu 23 das 27 assinaturas que asseguram a instalação automática. Do discurso de ACM e de suas entrevistas brotará a informação sobre o comportamento dos três senadores baianos.

Até por esperteza, o Senado deve torcer para que a CPI exclusiva, sem a presença dos deputados fuções, alimente o noticiário em alguns dias de expectativas e afinal se instale na escuridão do racionamento e com o governo em polvorosa.

Pois não é fácil aceitar passivamente, no conformismo abúlico do silêncio, a queda da escadaria do sucesso, o tombo da popularidade na exposição diária na mídia, o afago da repercussão nas bases eleitorais na fase de pré-campanha para a renovação dos mandatos de dois terços dos senadores no próximo ano.

O mergulho no anonimato agrava depressões em temperamentos impressionáveis. Se não se pode antever a reação popular com o desconforto, os riscos, a insegurança do país paralisado com a crise do racionamento da energia elétrica, é evidente que a indignação será o tema obsessivo das conversas nas casas, nas ruas, nas praças.

Na onda da raiva e dos protestos, o Congresso tem muito pouco espaço. Ele não é levado a sério, respingando pela onda de escândalos que arruinaram sua credibilidade. Discutir, votar reformas não é solução nem paliativo.

Se o governo está acabando antes do fim do mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, este final de sessão legislativo já deu o que tinha que dar. Até 2002.

*Da despedida de
ACM espera-se
pronunciamento
com setas
venenosas
disparadas em
todas as direções*